



1290003122



TCC/UNICAMP M829a

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Maria Carolina Beraldo Morosi

ECHECOOP

Ação Social de Amparo e Projeto “Um Novo Tempo”
Análise Sobre Sua Atuação nos Âmbitos da Educação Não Formal

Campinas, Dezembro de 2006.

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Maria Carolina Beraldo Morosi

Ação Social de Amparo e Projeto “Um Novo Tempo”
Análise Sobre Sua Atuação nos Âmbitos da Educação Não Formal

Trabalho apresentado com
a finalidade de obtenção
do título de Licenciatura
em Pedagogia, sob a
orientação da Professora
Dra. Elisa Angotti
Kossovitch.

Campinas, Dezembro de 2006.

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA:	700.1110000
	M829a
V:	EX:
TOMBO:	3122
PROC.:	145107
C:	D: X
PREÇO:	
DATA:	27/03/07
Nº CPD:	C0383

200712423

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

M829a Morosi, Maria Carolina Beraldo.
Ação social de Amparo e o Projeto "Um Novo Tempo" : análise sobre sua atuação nos âmbitos da educação não - formal / Maria Carolina Beraldo Morosi. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadores : Elisa Angotti Kossovitch.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação não-formal. 2. Educação. 3. Transformação social. I. Kossovitch, Elisa Angotti. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-754-BFE

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Zezé, do Projeto “Um Novo Tempo”, por ter me deixado pesquisá-lo e por todas as orientações durante esse período;

Agradeço a Professora Elisa A. Kossovitch, por aceitar me orientar neste trabalho;

Agradeço também a segunda leitora, Professora Susana Gakyia Caliatto, por ter dito sim ao meu pedido e pelas orientações na reta final do trabalho;

A todos os funcionários da Unicamp, onde estive por cinco anos, principalmente à Luciane da coordenação, sempre atenciosa e prestativa;

A todos os meus companheiros que participaram comigo dessa jornada, cada qual ao seu tempo e a seu modo, com um agradecimento muito especial às minhas grandes amigas: Ana Lúcia, Camila, Carol, Karina e Nadia, que dividiram comigo alegrias e angústias nestes cinco anos;

Aos meus amigos de Amparo, pelo apoio e incentivo;

À minha avó Wanda, pelo carinho de sempre;

Ao Giuliano, pelo amor, carinho, amizade, companheirismo, apoio e compreensão; obrigada meu amor;

Agradeço infinitamente à minha família, pelo incentivo inicial quando da minha decisão em fazer esse curso; pelo apoio e pela compreensão durante esses anos, principalmente aos meus pais Maria Ondina e José Carlos, pela educação de qualidade que sempre me proporcionaram, serei eternamente grata.

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho ao meu
pai, exemplo de homem honesto
e trabalhador. Meu maior
incentivador, meu orgulho,
longe apenas fisicamente, mas
sempre em meus pensamentos.*

RESUMO

Não era comum, até há bem pouco tempo atrás, falar de educação não formal. Mas, devido à crescente desigualdade social em nosso país, e, conseqüentemente, a uma exclusão social dos indivíduos, esse tema vem crescendo bastante.

As produções nessa área, que até bem pouco tempo eram um tanto quanto restritas, têm aumentado ultimamente.

Assim, esse trabalho tem por objetivo um estudo atualizado da Educação Não Formal, sendo seu objeto de estudo o Projeto Um Novo Tempo, localizado na cidade de Amparo, interior do Estado de São Paulo.

Pesquisando os autores que estudam a educação não-formal e suas definições sobre o que seria esse tipo de educação, e ainda as características desse tipo de educação, pretendo, a partir desse levantamento teórico, analisar o Projeto Um Novo Tempo, e ver se é possível classificá-lo como uma instituição de Educação Não Formal, e mostrando que essas instituições não formais são locais de participação e aprendizagem, não sendo somente locais recreativos ou filantrópicos.

SUMÁRIO

Introdução.....	3
Metodologia.....	5
Justificativa	6
CAPÍTULO 1	
1.1 – A Educação Não-Formal por vários autores.....	7
1.2 – As Principais Características das Instituições de Educação Não-Formal.....	12
1.3 – Os Diversos Tipos de Instituições de Educação Não-Formal.....	17
CAPÍTULO 2	
2.1 – ASA – Ação Social de Amparo e o Projeto “Um Novo Tempo”.....	18
2.2 – O Projeto “Um Novo Tempo” – Amparo – SP.....	22
2.2.1 – Objetivo.....	22
2.2.2 – Os freqüentadores do Projeto.....	24
2.2.3 – Como é feita a seleção para entrar no Projeto.....	26
2.2.4 – Os Profissionais.....	26
2.2.5 – Espaço Físico.....	27
2.2.6 – A Rotina do Projeto “Um Novo Tempo”.....	29
2.2.7 – Recursos Financeiros.....	31
2.2.8 – Oficinas/ Atividades Oferecidas.....	33
2.3 – Rede de Apoio Programa CAJU.....	40
2.3.1 – Surgimento do Programa.....	40
2.3.2 – O que significa CAJU.....	40
2.3.3 – A Quem se Destina o Programa CAJU.....	41

2.3.4 – Qual a contribuição do Programa CAJU para o Município.....	41
2.3.5 – Equipe do Programa CAJU.....	42
CAPÍTULO 3	
3.1 – O Esporte na Educação Não-Formal.....	43
4 – Entrevistas.....	44
Considerações Finais.....	50
Referências Bibliográficas.....	53

INTRODUÇÃO

Numa sociedade desigual em termos econômicos e sociais como é a sociedade brasileira, os jovens lutam cada vez mais pela busca de inserção em seu espaço na sociedade, caracterizada pela precariedade de ensino, limitadas alternativas de lazer e pouca capacitação profissional. Essa situação se faz presente por inúmeras razões: desestrutura familiar, desemprego, falta de perspectiva significativa de seu futuro, as quais determinam a desigualdade social.

Frente a essa problemática, é fácil entender porque avança o consumo de drogas nessas camadas sociais mais baixas, embora esse problema atinja outros setores sociais também. Mais fácil ainda é entender que o aumento da marginalidade pode ser determinado pela própria estrutura da sociedade, que se caracteriza cada vez mais pelo consumismo e pela má distribuição de renda, o que pode ser constatado diariamente pelas ruas das cidades brasileiras: moradores de rua, jovens desempregados e crianças pobres trabalhando nos faróis das grandes cidades.

Perante essa realidade social do nosso país, e visando ao bem-estar desses grupos sociais, passaram a ser criadas, principalmente depois da década de 80, instituições e entidades de caráter assistencial, com diferentes tipos de atuação. Dentre elas, existem as instituições de educação não-formal, objeto deste trabalho.

A educação não-formal ganhou espaço em nossa sociedade, uma vez que pode ser uma alternativa contra as exclusões sociais, favorecendo a socialização de grupos excluídos, objetivando a transformação social de jovens de baixa renda, desempregados e viciados, para que estes passem a ter consciência dos seus direitos, deveres e responsabilidades, a fim de que possam atuar como membros conscientes e ativos da sociedade.

Com o objetivo de verificar como é atuação dessas instituições de Educação não-formal, pesquisei por cerca de um ano o Projeto “Um Novo Tempo”, na cidade de Amparo, com o intuito de verificar a atuação deste Projeto nos âmbitos da educação não-formal, considerando as definições de vários autores sobre o que é esse tipo de educação.

METODOLOGIA

Para se atingir o objetivo deste trabalho, foi realizado um estudo que constou da observação e análise dos elementos envolvidos nesse Projeto – equipe de profissionais, jovens participantes e os que já participaram das atividades propostas pelo Projeto “Um Novo Tempo”.

A pesquisa se desenvolveu no Projeto “Um Novo Tempo”, na cidade de Amparo, tendo como participantes as crianças e os jovens freqüentadoras do Projeto, os profissionais que atuam no Projeto, além de contar com entrevistas de ex-freqüentadores do mesmo.

A pesquisa foi feita em sua grande parte em cima das observações das atividades do Projeto, com algumas poucas intervenções em algumas dessas atividades.

Trata-se, portanto, de um estudo de caso, baseado em um referencial teórico que situa a temática da educação não-formal.

JUSTIFICATIVA

A decisão por estudar a educação não-formal ocorreu durante a disciplina de Educação Não-Formal, de caráter obrigatório do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Tive que escolher uma instituição de educação não-formal para fazer estágio, e dentre algumas existentes na minha cidade (Amparo – SP), escolhi o Projeto “Um Novo Tempo”.

Com o objetivo de verificar como é atuação deste Projeto nos âmbitos da educação não-formal, pesquisei-o por cerca de um ano.

1- A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

1.1 - A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL POR VÁRIOS AUTORES

Ao nos depararmos com a expressão “Educação Não-Formal”, podemos imaginar que o termo refere-se a uma atividade que não corresponde à educação formal. Podemos supor, partindo de sua terminologia, que se trata de uma educação oposta à educação formal, cujo espaço possui conotação própria, tradicional, oferecendo atividades diversificadas da educação formal. Ainda não podemos saber exatamente do que se trata, sem as devidas leituras e sem as pesquisas que as acompanham.

Essas foram as considerações com que nos deparamos quando se iniciou o estudo sobre “Educação Não-Formal”, na disciplina de mesmo nome, no curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

De fato, através de leituras referentes a essa temática, descobrimos que, realmente, a educação não-formal é oposta à educação formal, ocorrendo, de preferência, fora do espaço da educação formal, mas não necessariamente. Pode até mesmo ocorrer no mesmo espaço em que ocorre a educação formal, “... *porém de uma maneira diversa da escola*” (VON SIMSON, 2001). Entretanto, há ainda muitas outras especificidades que a diferem da educação formal.

Talvez seja necessário diferenciar, num primeiro momento, os tipos de educação conhecidos: a educação formal, a educação informal e educação não-formal.

A educação formal, escolar, é a que ocorre dentro das escolas tradicionais, onde há uma “formalidade” a ser respeitada, administrada por entidades públicas ou privadas. Já a educação informal pode ser caracterizada como uma educação não intencional, ou seja, “*decorre de processos espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e*

representações, como é o caso da educação familiar” (GOHN, 2001). Ela se processa no decurso de a toda vida de um indivíduo; é aquela educação transmitida pela família, pelo convívio com amigos, leitura de jornais, revistas, livros...

Quando à educação não-formal, há várias definições que podem caracterizá-la. Como esse tipo de educação é objeto de estudo deste trabalho, procuraremos apresentar definições de vários autores, nelas incluindo as diferenças entre os três tipos de educação.

Talvez uma frase de Garcia seja relevante neste momento, ao afirmar que *“A educação não-formal não é estática, é uma atividade aberta que ainda está em construção, portanto não tem uma identidade pronta e acabada”* (GARCIA, 2005).

Como a educação não-formal é um tema relativamente novo, pois é a partir da década de 80 que esta começa a entrar em cena, quando ONGs e várias outras instituições passam a ter iniciativas que tinham como proposta atuar com públicos específicos, tendo a educação como pano de fundo, não há ainda um conceito que a defina em toda sua dimensão. O que se segue são as definições de vários autores, sobre o que eles acreditam ser a educação não-formal. A análise destas será feita para que, no final deste trabalho, possa-se ou não definir se o Projeto observado (Projeto “Um Novo Tempo”) é uma instituição de educação não-formal.

Maria da Glória Gohn define a educação não-formal através de quatro campos de atuação:

“O primeiro envolve a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos, isto é, o processo que gera a conscientização dos indivíduos para a compreensão de seus interesses e do meio social e da natureza que o cerca, por meio da participação em atividades grupais...O segundo, a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades. O terceiro, a aprendizagem e exercício de práticas que capacitem os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos... O quarto, e não menos

importante, é a aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, escolar, em formas e espaços diferenciados”. (GONH, 2001, p. 98 e 99)

Almerindo Janela Afonso é um dos autores que estudou amplamente o tema educação não-formal. Segundo ele

“Por educação formal entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada seqüência e proporcionada pelas escolas enquanto que a designação educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto” (AFONSO, 2001, p. 9)

Nesta citação de Afonso, percebemos que faz uma diferenciação a respeito dos tipos de educação (formal, informal e não-formal), com a finalidade de explicar a educação não-formal.

Para Olga R. M. Von Simson *“Além de escolher seus temas, a liberdade da educação não formal ou não escolar se caracteriza também por poder escolher aqueles apoios que julgam necessários à sua atividade educativa...”* (VON SIMSON, 2001).

Renata Sieiro Fernandes também é uma dentre os estudiosos da educação não-formal. Pesquisou durante um determinado período o Projeto Sol, em Paulínia, uma experiência bem sucedida de educação não-formal. Segundo essa autora

“Esse tipo de educação não-formal difere da formal-escolarizante caracterizada por possuir certa organização baseada em seqüência determinada, preocupar-se com avaliações e por acontecer dentro da escola. A não-escolar, embora tenha estrutura e organização (distinta da escolar) diverge pela maior flexibilidade quanto ao tempo, conteúdo,

estruturação de grupos e faixas etárias, e ao local”. (FERNANDES, 2001, p. 19)

A autora ainda diferencia a educação não-formal da educação informal, ao afirmar que a educação não-formal

“É diferente da educação informal, pois esta inclui toda a possibilidade de aprendizagem que se processam em diferentes locais e, quase sempre sem intencionalidade e planejamento, durante o decorrer da vida, permanentemente e, perpassa as condutas, modos de se vestir, de falar, de agir, comportamentos...” (FERNANDES, 2001, p. 19)

Jaume Trilla, ao tentar mostrar o que seria esse tipo de pedagogia, identifica três acepções:

A primeira acepção se caracteriza por ter por objetivo a educação social do indivíduo e o desenvolvimento da sociabilidade.

A segunda acepção de pedagogia social pondera que

“ela trata das ações educativas orientadas especificamente para uma classe especial de destinatários. Estes destinatários são aqueles indivíduos que requerem atenção educativa particular em razão das carências sociais (ou de origem social) que padecem ou por se encontrar em alguma situação de conflito com seu meio social ou de cair nele”. (TRILLA, 2003, p.19)

Ou seja, seria a pedagogia social que trata de assuntos como a inadaptação, marginalização, conflito social, sujeito ou grupo em situação de risco.

A terceira e última acepção está ligada à educação não-formal.

“... a pedagogia social enquanto disciplina se ocuparia da educação social enquanto intervenção, entendendo por esta última que se produz em espaços não escolares, e, mais exatamente, não-formais” (TRILLA, 2003, p. 21).

Garcia, ao falar sobre educação não-formal, admite que esta possui:

“necessidades e propostas sociais que têm preocupações diversas daquelas da educação formal, por abarcar propostas diferentes daquelas oferecidas pelo sistema formal, por propor-se a atender aqueles que a escola formal tem dificuldade de integrar no seu cotidiano (crianças/ jovens/ adultos/ velhos com necessidades especiais; praticantes de atos infracionais; aqueles que passam o dia ou vivem nas ruas e outros)”.
(GARCIA, 2005, p.27)

auto a apenas por educação
e presentes em outros
promovendo a
formal

1.2) AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Uma das maneiras de compararmos as escolas formais com as instituições de educação não-formal, versa sobre a análise de um quadro comparativo com algumas das características desses dois tipos de educação, proposto por Afonso (1992).

Quadro Comparativo de algumas características da Educação Formal (Escolas Tradicionais) e da Educação Não Formal

ESCOLAS TRADICIONAIS	ASSOCIAÇÕES DEMOCRÁTICAS PARA O DESENVOLVIMENTO
Apresentam um caráter compulsório	Apresentam um caráter voluntário
Dão ênfase à instrução	Promovem, sobretudo, a socialização
Favorecem o individualismo e a competição	Promovem a solidariedade
Visam à manutenção do <i>status quo</i>	Visam ao desenvolvimento
Preocupam-se essencialmente com a reprodução cultural e social	Preocupam-se essencialmente com a mudança social
São hierárquicas e fortemente formalizadas	São pouco formalizadas e pouco ou incipientemente hierarquizadas
Dificultam a participação	Favorecem a participação
Utilizam métodos centrados no professor-instrutor	Proporcionam a investigação-ação e projetos de desenvolvimento
Subordinam-se a um poder centralizado	São por natureza formas de participação descentralizada

Ao analisarmos o quadro acima, percebemos que: 1) aparentemente, a aprendizagem que ocorre na educação não-formal se dá por meio da prática social, ou seja “*É a experiência das pessoas em trabalho coletivo que gera um aprendizado*” (GOHN, 2001); 2) as escolas tradicionais inserem-se na educação formal, ou seja, a essa escola compete o papel de formação dos estudantes, transmitindo, principalmente os conhecimentos historicamente sistematizados pela sociedade.

Além destas, há outras características importantes que diferem esses dois tipos de educação: enquanto a educação formal muitas vezes privilegia a homogeneização, negando as diferenças entre os indivíduos, que acaba muitas vezes por gerar desigualdades, a educação não-formal “*possui mais condições de respeitar a diferença e privilegiar a diversidade*” (GARCIA, 2005). Há uma maior possibilidade de diálogo na educação não-formal, o que propicia, por exemplo, o processo criativo, muitas vezes suprimido nas escolas tradicionais.

Outra característica da educação não-formal citada no quadro acima é o trabalho voluntário. Nas instituições de educação não-formal, há uma combinação de trabalho voluntário e trabalho assalariado, em que alguns profissionais contratados são remunerados, segundo projetos específicos. No Projeto “Um Novo Tempo”, objeto deste trabalho, esse tipo de combinação ocorre da seguinte maneira: há pessoas voluntárias, como o professor de inglês, o professor de informática, e há os profissionais contratados, como a psicóloga, a coordenadora pedagógica, além de outros. Valemo-nos de uma citação de Trilla (2003) para demonstrar o quão presente está o voluntariado na prática da educação não-formal:

“O fato de trabalhar geralmente com os mais desfavorecidos e também o caráter relativamente incipiente dos campos de atuação geraram na família educativo-social um tipo de atitude muito voluntarista.

Voluntarista, não só no sentido de que a presença ativa do voluntariado social foi decisiva neste setor... como também no sentido de entender a intervenção em termos de ação solidária, de compromisso e de militância social”. (TRILLA, 2003, p. 41)

Uma característica muito importante que a educação não-formal possui é o caráter não obrigatório e regular, conforme acontece na educação formal. Isso quer dizer que não há uma cobrança de frequência, por exemplo, como nas escolas tradicionais. As instituições de educação não-formal, portanto, devem ser “atrativas” para seus frequentadores. Elas devem oferecer atividades prazerosas, que os motivem a participar, e a serem assíduos, mesmo que isso não seja obrigatório. Torna-se importante, então, que as instituições de educação não-formal levem em conta os valores sociais e culturais da comunidade onde atuam, verificando quais são suas necessidades, seus interesses, proporcionando atividades de acordo com sua realidade social.

Há algum tempo atrás, estudiosos ligados à educação social (inclui-se aí a educação não-formal), afirmavam que

“a escola é instrutivista, passiva, intelectualista e verbalista, fechada, fomenta o individualismo e a competitividade... enquanto o que nós oferecemos a nossos usuários é verdadeira atividade, expressividade, criatividade; favorecemos a sociabilidade e a cooperação”. (TRILLA, 2003, p. 43)

Vemos nessa citação de Trilla algumas das mesmas características mostradas no quadro proposto por Afonso, destacando-se as inúmeras diferenças entre a educação das escolas tradicionais (formais) e a das instituições de educação não-formal. Entretanto, a educação formal complementa a educação não-formal, não sendo, portanto, “coisas distintas”. Claro exemplo são as instituições de educação não-formal que trabalham com

crianças e jovens. Para poder participar delas, essas crianças e jovens devem, necessariamente, estar freqüentando a escola (formal, tradicional) no período contrário ao qual freqüentam a instituição de educação não-formal. De acordo com Trilla (2004) “... *a antipatia que a família da educação social sentia pela escola hoje já não é muito funcional. As educações formais, não-formais e informais, o escolar e o social, estão cada vez mais entremeados, o que tem muito de positivo*”.

Ultimamente, temos assistido a uma gradativa “degradação” da escola tradicional, principalmente da escola pública. Vemos que a escola tradicional com objetivos bastante claros, pode ser considerada como uma escola preparatória para trabalhadores para o mundo capitalista. A escola tradicional estaria preocupada com a reprodução cultural de acordo com interesses e valores dominantes, gerando desigualdades e exclusões diversas. Embora o papel da escola como reprodutora dessas desigualdades e exclusões já venha ocorrendo há muito tempo, a globalização pode ter sido responsável pela acentuação delas. Ela pode ser considerada uma nova forma de poder, que

“exclui e inclui, segundo as conveniências do lucro, que destrói a cultura e cria continuamente novas formas de desejo no setor do consumo. Com isto gera novas formas de dominação, principalmente de ordem cultural”.
(GOHN, 2001, p. 8)

Essa crise acentuada pela globalização exclui os indivíduos ao se encaminhar para o mercado de trabalho. Nesta esfera, serão inseridos somente aqueles que são considerados prioridade pelos que detêm o capital especulativo financeiro internacional.

Essa degradação da escola pública, e, sobretudo, o desinteresse de sua clientela, acabam abrindo espaço para instituições como as de educação não formal.

“A emergência relativamente recente e a crescente centralidade social do campo da educação não-formal podem ser relacionadas com factores

muito diversos, dentre os quais se pode salientar a crise da escola pública derivada não apenas de causas conhecidas e há muito diagnosticadas, mas também consequência das pressões competitivas e liberalizantes dirigidas nas duas últimas décadas sobre os sistemas educativos directamente administrados e financiados pelo Estado”. (AFONSO, 2001, p. 29)

Além desse “declínio” da escola pública, outro fator que contribui para o aumento da procura pelas instituições de ensino não-formal foi que, a partir dos anos 90, com grandes mudanças na sociedade e na economia, na era da globalização, exigiu-se (no mundo do trabalho), habilidades extra-escolares. A educação ganhou grande importância neste momento. O elevado grau de competitividade ocasionado pela globalização ampliou a demanda por conhecimentos e informação.

Muitos jovens, principalmente os de classes mais baixas, se sentem excluídos na escola formal, onde deveriam buscar tais conhecimentos e informações; muitas vezes estes jovens têm um histórico escolar recheado de fracassos e até por isso, sentem tensão diante de situações de aprendizagem.

Por isso, a aprendizagem nas instituições de educação não-formal, que ocorre de maneira mais “informal”, livre e prazerosa, deixa o jovem mais seguro e preparado para acompanhar a aprendizagem da educação formal oferecida pela escola.

1.3 - OS DIVERSOS TIPOS DE INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO NÃO - FORMAL

Há diversos tipos de instituições de educação não-formal: instituições que trabalham com crianças carentes, crianças e jovens em situação de risco social, alfabetização de jovens e adultos, com idosos, com prevenção de doenças como a AIDS, com educação ambiental, entre outros.

Os espaços utilizados por essas instituições também podem ser diversos, dentre eles citamos: igrejas, associações de bairros, sindicatos, ONGs, espaços culturais, e até mesmo as próprias escolas.

Embora diferentes, todas essas instituições têm em comum, entre outros, um objetivo principal: a mudança social dos indivíduos. A transformação social e a socialização desses indivíduos frequentadores dessas instituições são os grandes objetivos da educação não-formal. *“... trata-se então de que os sujeitos experimentem alguma mudança, algum tipo de desenvolvimento pessoal. Entretanto, para que isso ocorra de verdade, também é preciso mudar o meio em que vivem”* (TRILLA, 2003).

Destacamos ainda que neste tipo de educação há sempre um caráter coletivo, ou seja, o processo ocorre a partir de relações sociais estabelecidas em grupo.

A partir de todas essas definições, conceitualizações e características levantadas sobre a educação não-formal, passamos à análise do que vivenciamos no Projeto “Um Novo Tempo”, para atingir o objetivo proposto no início deste trabalho, que se constitui da verificação da instituição citada como sendo ou não de educação não-formal.

CAPÍTULO 5

5.1 - ASA – AÇÃO SOCIAL DE AMPARO E O PROJETO “UM NOVO TEMPO”

IDENTIFICAÇÃO

Nome: Ação Social de Amparo – ASA

Endereço: Avenida Bernardino de Campos, 356 – Centro - Amparo –SP

Data da Fundação: 30/12/1966

Fone: (19) 3807-4224

E-mail: asamp@bol.com.br

Fundada em 1986, a ASA (Ação Social de Amparo) é uma Organização Não Governamental (ONG) sem fins lucrativos, que tem como compromisso principal evitar que o jovem entre na criminalidade, e caso já tenha se envolvido em delitos, reabilitá-lo.

No ano de 1999, a FEBEM (Fundação do Bem Estar do Menor) e a Secretaria de Segurança Pública do Estado, com o objetivo de desenvolver um trabalho sócio-educativo com menores infratores, firmou um convênio com a Prefeitura Municipal de Amparo, e a instituição escolhida para comandar esses projetos foi a ASA. Com esse convênio, tanto a FEBEM quanto a Prefeitura de Amparo repassam verbas para a ASA.

Segundo a coordenadora pedagógica do projeto, Maria José dos Santos, a Zezé, o objetivo do trabalho desenvolvido é evitar que o menor vá para a FEBEM, que, muitas vezes, não consegue integralmente reabilitar o jovem, que seria sua função.

Com base no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), quando um adolescente comete uma infração, cumpre pena com Prestação de Serviços à

Comunidade (PSC) por um período mínimo de 30 dias, ou então passa pelo regime de Liberdade Assistida, por um período mínimo de seis meses.

O cumprimento da medida funciona da seguinte forma: quando um jovem (menor) comete uma infração e o caso é denunciado na delegacia, é elaborado um Boletim de Ocorrência (B. O.). O jovem é encaminhado ao Conselho Tutelar¹, que vai enviar o B.O. para a Vara da Infância e da Juventude², sendo que esta vai estipular qual será a medida a se adotar para esse jovem, o que vai depender da gravidade da infração. Se for uma infração mais leve (brigas de escola, por exemplo), o jovem deverá cumprir a Prestação de Serviço à Comunidade (PSC). Com ela, o jovem poderá cumprir a medida por um período mínimo de 30 dias, e no máximo 90 dias.

No caso de uma infração mais grave (roubo, uso ou tráfico de drogas), o jovem deve cumprir a Liberdade Assistida, por um período mínimo de seis meses.

A ASA recebe tanto jovens que cumprem a PSC quanto a Liberdade Assistida.

Quando chega à ASA, acompanhado dos pais ou responsáveis, é elaborada uma ficha cadastral do jovem, que passa também por uma entrevista, e a seguir, participa de quatro encontros sobre os temas: ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), DSTs, empregabilidade e uma dinâmica de grupo.

¹ O Conselho Tutelar é o órgão público responsável em fiscalizar se os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estão sendo cumpridos. Entre as várias funções do Conselho Tutelar destacamos: atender e aconselhar, pais ou responsáveis, aplicando medidas de encaminhamento a: programas de promoção à família, tratamento psicológico ou psiquiátrico, tratamento de dependência química; providenciar a medida estabelecida pela autoridade judiciária, entre as previstas no Art. 101, de I a VI, para o adolescente autor de ato infracional, entre outras.

² A Vara da Infância e da Juventude é, no momento, o único Juízo competente para julgar adolescentes (pessoas entre 12 e 18 anos de idade), que praticam condutas delituosas (atos infracionais). As Varas da Infância e da Juventude têm competência para julgamento de todos os adolescentes que praticam atos infracionais e também para controlar as medidas impostas às crianças infratoras (art. 105 da Lei 8069/90) executadas pelos Conselhos Tutelares (art. 136, I, da Lei 8069/90) e aos próprios adolescentes infratores (art. 112 da mesma Lei), após o devido processo legal (arts. 171 e seguintes do mesmo diploma legal).

Os jovens que cumprem a PSC, como o nome diz, prestam serviços à comunidade. Geralmente, as meninas são encaminhadas para uma creche da cidade, onde ajudam em diversas atividades. Já os meninos, na maioria das vezes são encaminhados para o Parque Ecológico Municipal, executando tarefas como: plantação de mudas, manutenção das plantas, podendo, ainda ser encaminhados para trabalhos na APAE ou outras instituições.

Além disso, durante o período em que cumprem a medida, esses jovens têm atendimento psicológico, individualmente ou em grupo, uma vez por semana, por cerca de uma hora e trinta minutos.

Já os jovens que cumprem a Liberdade Assistida também têm encontros semanais com a psicóloga, individualmente e em grupo, e participam de oficinas de Terapia Ocupacional (T.O.), onde aprendem a confeccionar velas artesanais, mosaicos, etc. Os pais desses jovens também têm atendimentos e reuniões com a psicóloga.

O cumprimento das medidas sócio-educativas da Prestação de Serviços a Comunidade (PSC) e de Liberdade Assistida (L. A.) está de acordo com os artigos 117, 118 e 119 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990):

“Art. 117. A prestação de serviços comunitários consiste na realização de tarefas gratuitas de interesse geral, por período não excedente a seis meses, em entidades assistências hospitalares, escolas e outros estabelecimentos congêneres, bem como em programas comunitários ou governamentais.

Parágrafo Único - As tarefas serão atribuídas conforme as aptidões do adolescente, devendo ser cumpridas durante jornada máxima de oito horas semanais, aos sábados, domingos e feriados ou dias úteis, de modo a não prejudicar a freqüência à escola ou à jornada normal de trabalho.

Art. 118. A Liberdade assistida será dotada sempre que se afigurar a medida mais adequada para o fim de acompanhar, auxiliar e orientar o adolescente.

§ 1º A autoridade designará pessoa capacitada para acompanhar o caso, o qual poderá ser recomendada por entidade ou programa de atendimento.

§ 2º A Liberdade assistida será fixada pelo prazo mínimo de seis meses. Podendo a qualquer tempo ser revogada ou substituída por outra medida, ouvido o orientador, o Ministério Público e o defensor.

Art. 119. Incumbe ao orientador, com o apoio e a supervisão da autoridade competente, a realização dos seguintes encargos, entre outros:

I – promover socialmente o adolescente e sua família, fornecendo-lhes orientação e inserindo-os, se necessário, em programa oficial ou comunitário de auxílio e assistência social;

II – supervisionar a freqüência e o aproveitamento escolar do adolescente, promovendo, inclusive, sua matrícula;

III – diligenciar no sentido da profissionalização do adolescente e de sua inserção no mercado de trabalho;

IV – apresentar relatório do caso”.

É de grande importância que o jovem esteja estudando nesse período, para que ele retorne à sociedade de uma maneira diferente daquela como a que vivia anteriormente.

Na época do desenvolvimento do trabalho de pesquisa, a ASA atendia a 78 jovens que cumprem PSC ou Liberdade Assistida (L. A.). No ano de 2001, eram 20

casos. Percebe-se por esses números um grande aumento da demanda de jovens infratores.

No entanto, segundo a Coordenadora Maria José, todos esses 20 jovens que cumpriam PSC ou LA em 2001 estão hoje trabalhando. Ela afirma ainda que a reincidência é baixa; a maioria dos jovens após cumprirem a medida, realizar encontros com a psicóloga, a terapeuta ocupacional e a assistente social, não voltam a cometer infrações. A ASA possui vários projetos, e entre eles está o **Projeto “Um Novo Tempo”**.

2.2 - O PROJETO “UM NOVO TEMPO” – AMPARO – SP

IDENTIFICAÇÃO

Nome: Projeto “Um Novo Tempo”

Endereço: Rua Alemanha, nº 161 – Jardim Camandocaia

CEP: 13.905-110 – Amparo – SP

Fone: (19): 3808-1835

2.2.1 - OBJETIVO

Este é um Projeto que visa atender aos objetivos do convênio firmado com a FEBEM: evitar que o jovem cometa infrações que possam levá-lo para a FEBEM. O Projeto poderá receber também alguns jovens que estão em Liberdade Assistida e PSC, ou seja, jovens que já cometeram alguma infração.

Para que não houvesse uma “mistura” dos jovens em L.A. com outras crianças que freqüentam o Projeto, o atendimento desses jovens passou a ser executado na sede da entidade ASA.

A finalidade da instituição é *“atender a família tomada como unidade, ou qualquer de seus membros, sem distinção de natureza política ou racial, proporcionando assistência social, moral, cultural, recreativa e física”* (AÇÃO SOCIAL DE AMPARO, 2004).

O Projeto “Um Novo Tempo”, objeto deste estudo, teve início em 2001.

Ele é desenvolvido no Jardim Camandocaia, na cidade de Amparo, interior do Estado de São Paulo. O bairro tem moradores que são, em sua grande maioria, de nível sócio-econômico baixo, sendo um dos bairros onde se construíram as chamadas “casas populares” da cidade, que são casas financiadas por programas habitacionais do governo.

Se em caso de jovens em L.A. ou PSC cabiam medidas sócio-educativas, no Projeto “Um Novo Tempo” as medidas cabíveis são as chamadas “preventivas”.

A prevenção se dá por meio de várias atividades, entre elas, oficinas, palestras, esportes, que são oferecidos às crianças e jovens inscritos no Projeto “Um Novo Tempo” e principalmente, pela socialização existente no Projeto, onde, coletivamente, se desenvolvem práticas esportivas, culturais...

Segundo citação da coordenadora pedagógica do Projeto, *“este projeto atua junto à criança e ao adolescente na formação da conduta e do caráter, na educação integral, na prevenção da marginalização, direcionando-os ao desenvolvimento pleno, proporcionando a não ociosidade, bem como a prevenção à dependência química, além da orientação quanto ao grave problema da diversidade de parceiros, das DSTs e da gestação precoce. O Projeto em questão destina-se também ao atendimento às famílias das crianças e adolescentes inseridos no respectivo Projeto, que participam ativa e efetivamente dos cursos já existentes na Instituição bem como em atendimento psicoterapêutico e de reflexão onde os mesmos se fizerem presentes”*.

Percebe-se que há uma grande preocupação, de ação preventiva para com esses jovens que se encontram em situação de risco de cair na marginalidade.

Por estudantes em situação de risco, entende-se que :

“seriam aquelas criança e adolescentes que, embora provenientes dos setores mais pobres da população, conseguiram estar freqüentando a escola pública, mas nela não estariam encontrando nem discutidas, nem valorizadas, as raízes socioculturais e a visão de mundo que a família ou o grupo de convivência lhes forneceu. Eles se encontrariam, então, prestes a abandonar um sistema escolar que os discrimina e oprime, para buscar, no espaço da rua, maiores chances de exercer o seu direito à liberdade e tentar obter alguma renda que pelo menos lhes permitiria consumir aqueles bens que a mídia veicula...”
(VON SIMSON, 2001, p.59)

É exatamente isso que o Projeto “Um Novo Tempo” tenta evitar: que os jovens abandonem a escola e ganhem as ruas, onde irão para os faróis vender produtos ou pedir esmolas, encontrando oportunidade para penetrar no mundo das drogas e do crime, marginalizando-se.

2.2.2 - OS FREQUENTADORES DO PROJETO

A capacidade de atendimento do Projeto “Um Novo Tempo” é de atender 120 crianças e jovens. No momento, estão sendo atendidas cerca de 145 crianças e jovens com idade entre 07 e 15 anos. A fila de espera é grande. Cerca de 35 crianças esperam por uma vaga. Como o espaço não é grande e o número de pessoas que trabalham na instituição (entre voluntários e contratados) também não o é, além da verba que recebem não ser muito elevada, infelizmente não dá para atender a toda demanda.

Por existir essa fila de espera, a freqüência das crianças e jovens acaba sendo “cobrada”, ou, “controlada”, embora na educação não-formal isso não deva ocorrer (obrigatoriedade de freqüência). Não que seja obrigatória a freqüência diária deles, mas se há uma seqüência de faltas, a família dessa criança ou jovem é contatada, para

descobrir o motivo da ausência. Não se pode deixar de levar em conta que muitos outros jovens gostariam de estar ali, participando do Projeto.

O Projeto é freqüentado tanto por meninos quanto por meninas de 07 a 15 anos. São crianças de famílias carentes, que moram no Jardim Camandocaia e em bairros vizinhos a ele (Jardim Silmara, Jardins Silvestre I, II, III e IV, Bairro Modelo e Jardim São Dimas, estes dois últimos não são tão próximos assim). Embora se trate de um Projeto misto, as oficinas são separadas para meninos e meninas. Às segundas-feiras e às quartas-feiras, as oficinas são freqüentadas pelos meninos; às terças-feiras e quintas-feiras, são freqüentadas pelas meninas. Às sextas-feiras há uma alternância: uma semana para os meninos, e outra para as meninas.

A explicação da coordenadora do Projeto para essa separação é que há oficinas que mais voltadas para as meninas e que muitos meninos não querem freqüentar (pelo menos a grande maioria deles), como a de corte e costura, dança, por exemplo. E há muitas meninas que não querem participar, por exemplo, no dia em que vai haver futebol ou eletroeletrônica.

Também há uma separação por idade. Na verdade, as crianças/ jovens devem freqüentar o Projeto no período contrário ao das aulas na escola formal. Então, no geral, as crianças menores (07 a 10 anos mais ou menos) vão ao Projeto pela manhã, já que no período da tarde vão à escola. E o contrário ocorre com as demais crianças, de 11 a 15 anos mais ou menos, que vão à escola pela manhã e freqüentam o Projeto no período da tarde. Mas há crianças menores, de 8 ou 9 anos, que estudam pela manhã e vão ao Projeto à tarde, não havendo problemas em relação a essa situação.

É importante salientar que para freqüentar o Projeto, as crianças e jovens devem estar freqüentando assiduamente a escola formal. Caso contrário não é possível sua participação no mesmo.

2.2.3 - COMO É FEITA A SELEÇÃO PARA FREQUENTAR O PROJETO

Como a procura por uma vaga no Projeto é grande, e sem a possibilidade de atender a todos, o Projeto prioriza as seguintes situações:

- 1) Família de baixa renda;
- 2) Pais desempregados;
- 3) Quando os pais da criança ou adolescente (pai e mãe) trabalham fora e não têm com quem deixá-los no período em que estão trabalhando.

No caso dos jovens que já frequentam o Projeto, no mês de novembro é encaminhado um comunicado a seus pais e às suas respectivas escolas, solicitando que a inscrição para o próximo ano seja efetuada (a prioridade, portanto, é para crianças e jovens que já frequentam o Projeto).

Como os jovens que completam quinze anos deixam o Projeto, sempre há novas vagas no início do ano.

2.2.4 - OS PROFISSIONAIS

O Projeto conta hoje com 22 profissionais que atuam diariamente ou semanalmente no mesmo. Esta equipe é mista, contando com profissionais voluntários e profissionais contratados.

Os profissionais contratados são:

- Uma Coordenadora Pedagógica;
- Uma Psicóloga;
- Uma Merendeira;
- Duas Monitoras;
- Um Monitor de Esportes;

- Uma professora de Corte e Costura Industrial;
- Uma professora de balé;
- Um professor de eletroeletrônica;
- Uma professora de informática (ex-aluna do Projeto);
- Uma professora de Artesanato (ex-aluna do Projeto);
- Uma professora de arte-educação;
- Um motorista.

Os profissionais voluntários são:

- Um Professor de inglês;
- Um professor de informática;
- Uma merendeira;
- Uma ajudante geral (limpeza);
- Dois estagiários de Educação Física;
- Quatro monitoras de reforço escolar.

Há ainda os professores de judô e capoeira, que atuam fora do espaço do Projeto, em suas próprias academias, e recebem jovens do Projeto. Consideramos que sejam também profissionais voluntários.

2.2.5 - ESPAÇO FÍSICO

O prédio onde o Projeto funciona conta com uma sala de informática, uma sala/refeitório (as mesinhas são usadas tanto para as crianças se alimentarem quanto para algumas atividades, como leitura, reforço escolar...), uma sala ampla onde ocorre a maioria das oficinas, uma sala para as aulas de corte e costura industrial, a cozinha,

além da sala usada pela coordenadora e psicóloga, e banheiros, que são separados para meninos e meninas.

Tudo no Projeto é muito colorido e alegre. As paredes são coloridas, a sala maior, onde as aulas de arte e artesanato são feitas, possui muitos jogos, livros nas prateleiras (uma mini-biblioteca), transformando-se em um ambiente aconchegante para os jovens.

O campo de futebol, que fica bem ao lado do Projeto é municipal e cedido pela Prefeitura, para que ocorram as atividades esportivas (futebol, vôlei, queimada, esportes em geral).

As aulas de judô e capoeira também são feitas fora do espaço físico do Projeto, por falta de espaço, e são ministradas em academias da cidade.

As aulas de balé são feitas na academia da própria professora que ministra essa aula.



FACHADA DO PROJETO

2.2.6 - A ROTINA DO PROJETO UM NOVO TEMPO

Talvez o termo “rotina” não seja o mais adequado, embora tudo ocorra rotineiramente. A única coisa que não me pareceu existir no Projeto foi uma “rotina”. Acho melhor chamar de dia-a-dia no Projeto.

Diariamente se desenvolve um tipo de atividade, de oficina, e os jovens são livres para fazê-las ou não. Se não querem, por exemplo, participar da atividade física do dia, podem ficar lendo livros na mini-biblioteca...O que existe é uma seqüência que é quase sempre seguida.

Manhã

A entrada da turma da manhã (normalmente são as crianças de 07 a 11 anos) ocorre às 8:00 horas. Até por volta das 8:30 há crianças chegando... Logo que chegam, tomam o café da manhã (normalmente leite com chocolate ou vitamina de leite com frutas, e pão com manteiga ou bolacha).

Às 9:00 horas, é feita uma roda com todas as crianças acompanhadas da psicóloga. Os assuntos discutidos são os mais diversos: desde o que está na mídia, que elas assistiram na televisão, um acontecimento na cidade, algo que aconteceu no Projeto, ou que vai acontecer, situações familiares, ou que aconteceram com eles mesmos... enfim, alguém fala ou pergunta alguma coisa, e há uma interação entre as crianças e destas com a psicóloga.

Por volta das 9:30, começam as oficinas. Para a turma da manhã, normalmente são artesanato, arte-educação (confeção de fantoches, por exemplo), computação, jogos, leitura de livros, além de nesse horário, muitas crianças tirarem dúvidas da escola formal com as monitoras de reforço escolar. Uma vez por semana há aula de balé, o

motorista transporta as meninas do Projeto (não são todas, existem algumas que não querem fazer essa aula e não são obrigadas a fazê-la) até a academia da professora de balé. Essas atividades vão até as 10:30. Nesse horário, são realizadas as atividades esportivas no campo municipal (futebol, atletismo, queimada, jogos diversos). Às 11:15 é servida a merenda.

A turma da manhã vai embora às 11:30. Muitas crianças não vão embora para casa, já ficam direto para a aula da escola formal, que se inicia às 12:00. Algumas escolas de ensino formal ficam no mesmo bairro do Projeto (SESI, E.E. José Scalvi de Oliveira e E.M. Chapeuzinho Vermelho) e recebem as crianças do Projeto antes do horário de início das aulas, para que elas não fiquem na rua.

Nesse horário em que as crianças da manhã estão indo embora, muitos jovens que freqüentam o Projeto no período da tarde estão começando a chegar. Eles estão saindo da escola formal por volta das 11:30 e como os outros, muitos não vão para casa, já ficam direto para as atividades do Projeto.

Por esse motivo, há sempre um funcionário presente no Projeto no horário de intervalo entre a saída de uma turma e a entrada da outra (das 11:30 às 13:00 horas). Esses jovens que estão chegando, podem comer a merenda, se quiserem. Nesse horário, como não há professores nem monitores, eles ficam fazendo atividades da escola formal, como a tarefa. Ou lêem livros da biblioteca. Há ainda os que preferem jogar (damas, dominó, entre outros).

Tarde

Às 13:00 começam as atividades do período da tarde.

No período da tarde, não é servida merenda aos jovens quando eles chegam, pois ou eles vieram diretamente da escola para o Projeto, e já almoçaram quando chegaram, ou vieram de casa, onde também já almoçaram.

A seqüência de atividades é semelhante à do período da manhã: das 13:00 horas até 13:30, os jovens chegam ao Projeto.

Como a roda com a psicóloga se inicia somente às 14:00 horas, muitos aproveitam para tirar dúvidas da escola formal com as monitoras nesse momento.

Às 14:00, é feita a roda com a psicóloga, que, assim como no outro período, é um momento de discussão de diversos temas e interação entre todos.

Das 14:30 às 16:00, realizam-se as oficinas, que variam a cada dia (inglês, informática, artesanato, arte-educação, corte e costura industrial, e atividades esportivas).

Os jovens não fazem todos as mesmas atividades, não são obrigados a isso. Quem não gosta de jogar futebol, pode ficar fazendo artesanato. Quem gosta das atividades esportivas, vai com os monitores ao campo municipal ao lado para fazê-las, não sendo obrigados a ficarem na oficina de informática, e, assim sucessivamente.

Às 16:15 é servida a merenda. As atividades encerram-se às 16:30.

2.2.7 - RECURSOS FINANCEIROS

O Projeto se mantém financeiramente com recursos vindos de várias partes. Há repasse de verbas municipais e estaduais, entre outros.

Os repasses são provenientes de (todos os valores abaixo são aproximados):

1) Prefeitura Municipal de Amparo: através do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA), empresas da cidade têm descontado determinado valor de seu imposto de renda, e esse valor vai para o CMDCA, que repassa para as entidades assistenciais do município. Valor do repasse anual: cerca de R\$ 19.000,00.

2) Prefeitura Municipal de Amparo, através do Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS): R\$ 29.000,00 ao ano.

3) Governo Estadual: R\$ 9.000,00 ao ano.

4) Governo Estadual, através do programa Renda Cidadã: R\$ 22.000,00 ao ano.

5) Governo Estadual (FEBEM): R\$ 75.000,00 ao ano.

6) PETROBRÁS: não foi possível ter-se acesso ao valor do repasse de verba.

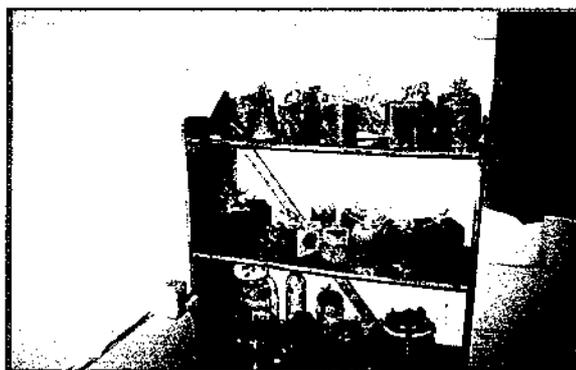
Além desses repasses, o Projeto mantém associados, que contribuem, mensalmente, com um determinado valor, que varia de R\$ 5,00 a R\$ 50,00 mensais. O valor total anual arrecadado por associados é de cerca de R\$ 7.000,00 ao ano.

O Projeto se mantém também com a realização de eventos beneficentes, como almoços, bingos, bazares (no final do ano, há uma exposição com venda de produtos, como velas artesanais, confeccionados pelos jovens do Projeto). Com esses eventos, a arrecadação anual é de cerca de R\$ 35.000,00. É com esse valor que todos os encargos sociais (PIS, INSS, 13º salário, FGTS, etc) dos funcionários contratados são pagos, já que, por lei, não podem ser pagos com os demais repasses acima.

O Projeto possui também algumas parcerias com empresas alimentícias da cidade, que promovem a doação de alimentos, já que durante os dois períodos em que o projeto atende as crianças e jovens, há almoço ou lanche para eles. A Prefeitura também fornece alimentos.

Outras empresas da cidade doam equipamentos para as oficinas. Um exemplo são os computadores, da sala de informática, doados pela UNIMED, e as máquinas de costura industrial, doadas por outra empresa do município.

A ajuda financeira desses parceiros (empresas, sócios) é imprescindível para o funcionamento do Projeto.



Exposições de produtos confeccionados pelos jovens do Projeto

2.2.8 - OFICINAS/ ATIVIDADES OFERECIDAS

As oficinas oferecidas são: artes/ artesanato, arte-educação, corte e costura industrial, balé, judô, capoeira, eletroeletrônica, informática, inglês, atividades de esporte e lazer, reforço escolar, biblioteca, além de palestras com a psicóloga para as crianças, jovens e seus familiares.

As aulas de balé, capoeira e judô são feitas fora do prédio do Projeto, assim como as atividades esportivas, que são realizadas no campo municipal que se situa ao lado do Projeto.

Nas aulas de arte e artesanato, são ensinadas aos jovens técnicas de desenho, colagens, pintura, modelagem, música, entre outras, que visam, além do desenvolvimento motor, conhecer capacidades e estimular potenciais, promovendo o desenvolvimento desses jovens e o resgate de sua auto-estima. É válido salientar que muitas das coisas (artesanato) produzidas nessas aulas são mostradas nas exposições promovidas pelo Projeto, chegando a serem vendidas nas mesmas.



Oficina de artes

Todas as atividades esportivas (judô, capoeira, balé, futebol e demais jogos) são de extrema importância, uma vez que estimulam a vivência em grupo dos jovens, e a socialização, uma das propostas principais da educação não-formal. Além disso, há o desenvolvimento de aptidões em busca da melhoria da auto-estima.



Apresentação de balé



Futebol (crianças e monitor Cado)

As oficinas de informática têm por objetivo desenvolver a familiarização com programas básicos de informática e o uso do computador pelos jovens, além de estimular o gosto pela informática, e, para que seja um atrativo para eles, usa-se a Internet, usa-se o computador para fazer trabalhos escolares. Além de estarem

aprendendo a ferramenta que hoje é imprescindível para se entrar no mercado de trabalho. Não deixa, portanto, de ser uma qualificação para um futuro emprego desses jovens.



Oficina de informática

Há também um convênio com uma escola de informática da cidade, através do qual alguns jovens fazem cursos no próprio estabelecimento, sem nenhum custo para eles. São cursos de programas como Excel, Internet, entre outros, já que as aulas do Projeto se propõem à transmissão básica de conhecimentos.

São ministradas aulas de computação também para os pais dos jovens do Projeto, para que eles adquiram mais qualificação para o mercado de trabalho. Essas aulas são feitas à noite, para não prejudicar os que trabalham durante o dia, que são a maioria.

Também ocorrem as oficinas de Inglês, com o objetivo de que os jovens tenham contato e aprendam um novo idioma, muito exigido nos dias atuais, principalmente no mercado de trabalho.

Talvez muitos ali nunca tivessem a possibilidade ou a oportunidade de aprender um outro idioma (o inglês hoje é exigido para muitas coisas) ou de aprender a usar o computador.

Há também uma mini-biblioteca, organizada pelos próprios jovens do Projeto, com livros que podem ser lidos durante o período em que o jovem está no Projeto, ou podem ser levados para casa, para serem lidos posteriormente, sendo que essa retirada e devolução são controladas por um jovem do Projeto, cuja iniciativa dependeu dele próprio.



Biblioteca

Todas as atividades visam, sobretudo, a melhoria das relações sociais, razão pela qual todas são realizadas em grupo.

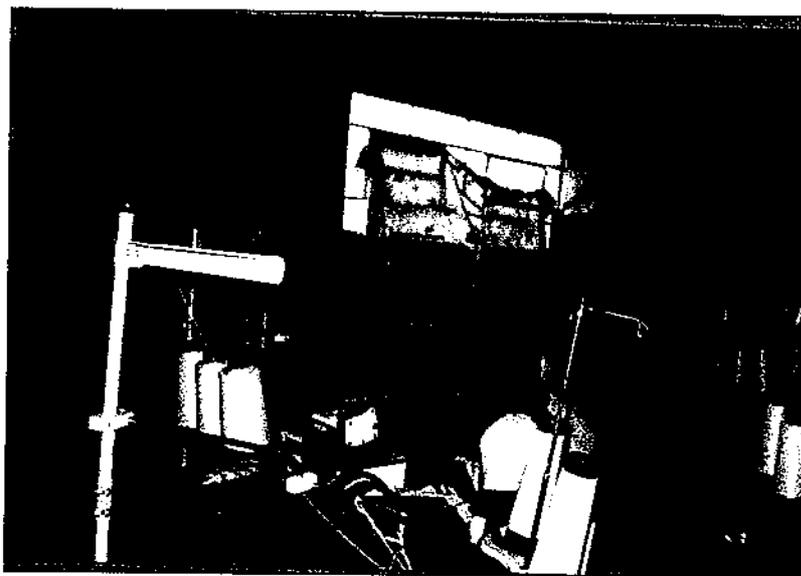
No final do ano de 2005, foi firmado um convênio com a PETROBRÁS, através do qual o Projeto “Um Novo Tempo” recebe uma verba para oferecer algumas oficinas semiprofissionalizantes.

Assim, três oficinas pré-profissionalizantes foram criadas para os jovens do Projeto: corte e costura industrial, eletroeletrônica e informática.

As oficinas de corte e costura industrial são oferecidas às adolescentes do Projeto, para as mães (e opcionalmente para os pais) dos jovens do Projeto e para pessoas da comunidade também. Nota-se que essa oficina foi a que mais se desenvolveu e deu certo. Hoje, há cerca de 80 pessoas freqüentando as aulas, entre adolescentes do Projeto (14 e 15 anos), mães de jovens do Projeto e comunidade. Há, inclusive, três homens que freqüentam as oficinas. As oficinas são oferecidas pela manhã, à tarde e à noite, em dias variados.

Deve-se registrar um fato favorável: esse aprendizado se transformou em renda! Uma confecção de roupas de bebê da cidade firmou convênio com o Projeto, e passou a comprar toda a produção. Hoje, essa empresa cede todo o material (tecido, linhas, etc), e a produção é feita dentro do Projeto. Com isso, todos os participantes (do que era uma oficina), recebem por seu trabalho (pago pela confecção), cerca de R\$ 200,00 a R\$ 300,00 por mês. Desse valor, há um pequeno desconto, para a manutenção das máquinas.

O Projeto possui 10 máquinas de corte e costura industrial, todas doadas ao Projeto por empresas da cidade.



Oficina de corte e costura industrial

A oficina de eletroeletrônica é oferecida a 20 jovens, de 14 e 15 anos, e acontece nas noites de terça e quinta-feira, com duração de duas horas (das 20:00 as 22:00 horas). São duas turmas de 10 meninos cada. Eles aprendem nas oficinas noções básicas de eletroeletrônica, teoria e prática.

As oficinas de informática são como as já citadas, só que oferecidas para adolescentes de 14 e 15 anos também, que logo entrarão para o disputadíssimo mercado de trabalho, no qual sempre se exigem ao menos noções básicas de informática. O Projeto conta hoje com 14 computadores, todos conectados à Internet.

Para um melhor funcionamento do Projeto, mensalmente ocorre reunião com os pais das crianças e jovens participantes do projeto. Essas reuniões são feitas com a coordenadora pedagógica e com a psicóloga. A grande maioria dos pais das crianças inscritas no Projeto comparece, e, segundo a coordenadora, as reuniões são muito proveitosas, os pais opinam muito em relação ao Projeto.



Reunião de pais de jovens do Projeto

Ainda em relação aos jovens e ao mercado de trabalho, a cidade de Amparo, assim como outras, contam com uma entidade que insere jovens, com idade de 14 a 17

anos, no mercado de trabalho, na condição de aprendizes. Em Amparo, essa instituição é a “Sociedade Guarda Mirim de Amparo”.

Para ingressar nessa entidade, os jovens fazem inscrição e posteriormente, passam por uma espécie de avaliação escrita, que constitui o processo seletivo. O número de pessoas (jovens e seus pais) que procuram a “Guardinha” (como é popularmente chamada) no dia da inscrição é enorme, sendo que nem todos conseguem fazer a inscrição.

A Guardinha é uma entidade muito séria, competente e respeitada na cidade. Todas as grandes empresas possuem em seu quadro de funcionários “guardas-mirins”, que realizam os mais diversos trabalhos, como telefonistas, office-boy, serviços de banco, etc. Mas não são só nas grandes empresas que estes jovens trabalham: podem trabalhar também em consultórios, escritórios contábeis e de advocacia, em vários setores da Prefeitura, etc.

Em parceria com o Projeto “Um Novo Tempo”, e sabendo da importância de um emprego para esses jovens (que, como já citado, são de um bairro popular, e quase sempre, de famílias de baixa renda), a Sociedade Guarda Mirim disponibiliza, na época de inscrição (que ocorre uma vez ao ano), dez a quinze vagas para os jovens do Projeto se inscreverem. Esses jovens são indicados e escolhidos pelos profissionais do Projeto, aqueles que possuem mais chances de passar pelo processo de seleção. São indicados sempre jovens que estão para completar quinze anos, e, portanto, deixarão o Projeto. Mas, assim como os demais, depois é por conta deles, eles passarão pela prova escrita para tentar conseguir uma vaga na “Guardinha”.

Além de todas as atividades citadas, há, dentro do Projeto, um programa esportivo, o “Rede de Apoio Programa CAJU”.

2.3 - REDE DE APOIO PROGRAMA CAJU

2.3.1 – SURGIMENTO DO PROGRAMA

Dentro do Projeto “Um Novo Tempo”, existe agora o Programa CAJU. Seu início ocorreu em abril de 2006 e, nasceu da necessidade de integrar ex-participantes do Projeto “Um Novo Tempo”, na faixa etária de 15 a 18 anos, posto que o Projeto recebe crianças e jovens de 07 a 15 anos, e após atingir essa idade, os jovens não mais farão parte do Projeto, numa atividade esportiva e psicossocial, a fim de combater a ociosidade, violência e criminalidade, que é muito comum no bairro (Jardim Camandocaia – mais conhecido como “Popular”) onde o Projeto “Um Novo Tempo” se situa.

2.3.2 - O QUE SIGNIFICA CAJU

CAJU é uma rede de apoio ao Projeto “Um Novo Tempo” que trabalha com atividades esportivas (futebol) e lazer, em parceria com a Petrobrás, UNIMED/UNIJOVEM, Secretaria Municipal de Esportes e Lazer (SMEL) e Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA).

O programa recebeu esse nome, “CAJU”, em homenagem aos monitores do programa – Ricardo (“Cado”) e Jurandir (“Jura”), que há bastante tempo trabalham com crianças carentes, como também no Projeto “Um Novo Tempo” e são bastante queridos pelos jovens. Foram os próprios jovens do Projeto que escolheram o nome CAJU para o programa.

2.3.3 - A QUEM SE DESTINA O PROGRAMA CAJU

Além dos jovens que ainda participam do Projeto, podem participar do programa “CAJU”, toda a população de Amparo, mais especificamente crianças, jovens e adolescentes de 07 a 18 anos, que queiram inserir-se nas atividades de futebol e nos grupos sócio-educativos.

A idéia do Programa foi a de integrar os ex-participantes do Projeto, que, ao completarem 15 anos, deixavam de participar das atividades do mesmo. Mas o Programa se estende aos demais jovens interessados em participar das atividades oferecidas, sendo que crianças a partir de 07 anos já podem freqüentar essas atividades.

2.3.4 - QUAL A CONTRIBUIÇÃO DO PROGRAMA CAJU PARA O MUNICÍPIO

A equipe responsável pelo Programa CAJU acredita que, ao participarem das atividades do mesmo, os jovens, principalmente os de 15 a 18 anos, tendem a não permanecer nas ruas, à mercê da ociosidade. Acreditam que o Programa auxilia no combate à prevenção das drogas, da marginalidade, da violência, entre outras questões que circundam o dia-a-dia desses jovens.

Os jovens desenvolvem, assim, suas aptidões físicas, o conceito de cidadania, a melhoria da auto-estima, o que contribui para o processo de socialização e formação de sua identidade.

Estão participando, desde o final do mês de agosto, do Campeonato Varzeano Municipal de Futebol. A melhora na auto-estima desses jovens é muito grande, pois jogam de igual para igual com times e da cidade e, a cada vitória do time, é uma grande conquista para eles.

2.3.5 - EQUIPE DO PROGRAMA CAJU

O Programa CAJU conta com os seguintes profissionais:

Maria José dos Santos (Coordenadora Pedagógica), que é também Coordenadora geral do Projeto “Um Novo Tempo”; Maria Elza de A. Botelho (Assistente Social); Yara B. Pompeu de Souza (Psicóloga); Ricardo Leopoldino (Monitor de Esporte); Jurandir Pereira (Monitor de Esporte, cedido pela SMEL), sendo os dois últimos professores de Educação Física.

CAPÍTULO 3

3.1 - O ESPORTE NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Petrus acredita que

“o esporte tenha funções lúdicas e de saúde, relacione-se com a competição, com a socialização, com a comunicação, com a política, a economia... e com a educação social”. (PETRUS, 2003, P. 98)

A importância de se trabalhar com atividades esportivas dentro da educação não formal é principalmente a socialização dos que participam das mesmas. O esporte pode ser considerado um meio de integração, “... *já que pode facilitar que o indivíduo biológico se transforme em indivíduo social e assimile as normas e valores do grupo social*” (PETRUS, 2003). Podemos dizer que o esporte favorece a aprendizagem social e a socialização um dos princípios da educação não formal.

Além disso, o esporte possui um elevado grau de motivação para os jovens, e pode ser um meio de se aprender a ganhar e a perder, de fazê-los tolerantes. Pode ser considerado como lúdico, e certamente, deve ser utilizado como atividade que previna o ócio entre os jovens, e pode, portanto, ser bastante eficiente no combate à marginalidade.

A importância do esporte na educação não-formal é defendida também por outros autores:

o esporte pode ajudar a aumentar a auto-estima, contribuir “positivamente no desenvolvimento da personalidade e tornar-se um espaço no qual o jovem pode experimentar comportamentos diferentes. [...] Oferece recursos também para desenvolver a capacidade de trabalhar em grupo e aprender a integrar-se socialmente”. (WELLER, 2005, p. 426)

7 – ENTREVISTAS

1) COM JOVEM PARTICIPANTE DO PROJETO

-- **Qual é o seu nome?**

-- Denis

-- **Quantos anos você tem Denis?**

--Tenho 14 anos

-- **Há quanto tempo você está no Projeto?**

-- Ah.... Uns três anos eu acho...

--**Por que você entrou no Projeto?**

-- Eu moro aqui perto, e eu tinha uns colegas que já vinham aqui. Aí minha mãe achou bom eu vir, aqui, porque ela e meu pai trabalham o dia inteiro, e eu ia para a escola e depois ficava sozinho em casa, ou brincando na rua... Aí eu vim pra cá para aprender várias coisas...

-- **Quais são as atividades de que você participa?**

--Ah... eu participo da computação, do inglês, do artesanato, da aula de artes, acho que mais essas eu participo.

--**E de qual você mais gosta?**

-- Eu gosto de todas, mas acho que mais da aula de artes.

--**Por que?**

--Porque a professora deixa a gente livre pra fazer as atividades do jeito que a gente sabe, não fica falando “é assim, é desse jeito, assim está errado...”. Ela diz que não tem certo e errado, eu gosto por causa disso. Ela nunca critica o que a gente faz.

--**O que você acha do Projeto?**

--Eu acho bom, eu aprendo várias coisas aqui, pode ser que eu não fosse aprender se não fosse aqui... Por exemplo, a computação e o inglês, eu acho que não ia ter como pagar esses cursos. E eu não fico sozinho em casa, na rua, eu venho aqui, faço as oficinas, a tarefa da escola, encontro meus amigos, é muito bom tudo aqui no Projeto.

-- Obrigada Denis!

2) COM EX-FREQÜENTADOR DO PROJETO “UM NOVO TEMPO”

-- Qual o seu nome?

-- Carlos

--Quantos anos você tem Carlos?

--Tenho 17 anos.

--Em que ano você entrou no Projeto?

--Hum... (pensativo) acho que foi em 2002, eu tinha acho que 12 ou 13 anos, mais ou menos isso.

-- Como você entrou no Projeto?

--Foi por causa do meu irmão, ele entrou primeiro para ir jogar futebol, fazer os outros esportes também, aí depois de um tempo, minha mãe começou a trabalhar fora, e aí foi pra eu não ficar sozinho em casa ou na rua, aí eu fui para o Projeto também.

--E que atividades você fazia lá?

--Ah, eu fazia várias coisas...É... artesanato, pintura, fiz só um pouco de inglês, fiz capoeira, era lá no campão, sabe?

-- No campo municipal, ao lado do Projeto?

--É lá mesmo! E fiz um tempo judô, com o Toninho, era lá na academia dele, e fiz computação na CICAMP e administração lá também.

--Ah, você fez cursos fora do Projeto?

--É, era pelo Projeto, mas lá na CICAMP mesmo. Eu fiz uns dois anos e meio... acho que uns dois anos... e fiz um ano de administração lá também.

--As atividades esportivas você não fazia?

--Não, eu não gostava... de futebol, essas coisa, sabe?

--Você ficou até quando no Projeto?

-- Até no ano passado, porque aí eu fiz 15 anos e tive que sair. Mas eu fiquei um pouquinho depois, porque eu era monitor de informática lá.

--É mesmo?

--Eu fiz aulas de computação, aí depois, um tempo eu fiquei sendo auxiliar da professora de computação. Aí um dia ela precisou faltar e eu que dei a aula (risos). Aí ela foi faltando... e eu fui ficando e fiquei só eu de monitor, quase dois anos.

--Mas você continuava a participar das outras oficinas.

-- Continuava.

--E aí?

--Então, aí eu fiz 16 anos em março de 2005. Comecei a estudar a noite para poder continuar dando as aulas de computação. Aí eu fiquei de monitor só pouco tempo, porque eu tinha mandado currículo nuns lugares para trabalhar e eu consegui um emprego, aí eu fui né.

--Você não ganhava nada para dar as aulas?

-- Não, eu era totalmente voluntário. Mas quando me chamaram eu fui porque eu precisava trabalhar. Eu adorava... nossa... as crianças, era tudo pra mim, mas eu tive que ir trabalhar.

--E onde você trabalha hoje?

--Eu trabalho num escritório contábil. Primeiro eu era meio office-boy, sabe? Fazia serviços na rua e de banco. Faz um tempinho que agora eu sou auxiliar de escritório, não vou mais fazer serviço na rua.

--Carlos, qual a importância que o Projeto teve na sua vida?

--Ai.... (pausa) sem o Projeto, com certeza, eu não seria nada hoje. Vou ser bem sincero: eu nunca teria tido condições de fazer os cursos que fiz pelo Projeto (computação e administração). Sabe que foi pelo Projeto que eu aprendi tudo e consegui meu emprego?

--Ah é? Por quê?

-- Porque no meu currículo coloquei que minha experiência era como monitor de informática e coloquei que era voluntário. Foi isso que chamou a atenção do filho do dono do escritório, e ele falou para o pai dele, que é o dono, que eu devia ser bom. Foi por isso que eu que consegui o emprego. E acho que todo mundo que tá no Projeto, só não consegue as coisas se não quiser, porque lá todo mundo tem condições de arrumar um emprego, com os cursos que dá para fazer lá. Foi uma mudança pra mim o Projeto.

--Obrigada Carlos, gostei muito da nossa conversa.

--De nada!

3) COM A COORDENADORA DO PROJETO

--Qual o seu nome?

--Maria José dos Santos, Zezé.

--Zezé, o que você faz no Projeto?

--Eu sou a coordenadora pedagógica do Projeto, e da ASA também. Coordeno toda a equipe de trabalho através de reuniões semanais e mensais, e coordeno também todos os Projetos da ASA.

--Em que você é formada?

--Tenho formação em Pedagogia e Letras.

--Há quanto tempo está no Projeto?

--Desde o início, em 2001. Mas já estou na ASA há 25 anos!

--Zezé, o que você entende por educação não-formal?

--Eu acho que educação não-formal... é aquela educação complementar ao horário escolar, aquela que ajuda a criança e o adolescente a tirar suas dúvidas num reforço escolar, e melhorar sua auto-estima, e também... valorizar seu conceito de cidadania, através de todas as atividades que são propostas.

--Obrigada!

--De nada!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ter participado da rotina do Projeto “Um Novo Tempo” por quase um ano (no período de agosto e setembro de 2005, durante o estágio para a disciplina de Educação Não-Formal, do curso de Pedagogia da UNICAMP e de fevereiro a setembro de 2006), e de levantamentos teóricos sobre o tema “Educação Não-Formal”, acredito ter cumprido o objetivo proposto no início deste trabalho, isto é, a verificação do citado Projeto, acompanhado de uma análise posterior, classificando-o ou não como uma instituição de Educação não-formal.

Levando-se em conta as definições de vários autores sobre o que seria a educação não-formal e após a análise das características que a compõem, podemos dizer, citando AFONSO (1992), que as instituições de educação não-formal:

- 1) apresentam um caráter voluntário;
- 2) promovem, sobretudo, a socialização;
- 3) promovem a solidariedade;
- 4) visam o desenvolvimento;
- 5) preocupam-se essencialmente com a mudança social;
- 6) são pouco formalizadas e pouco hierarquizadas;
- 7) proporcionam a investigação e projetos de desenvolvimento;
- 8) são por natureza formas de participação descentralizada.

Muitas das características acima foram reconhecidas na ASA e Projeto “Um Novo Tempo”. A preocupação com a mudança social do indivíduo talvez seja a mais entre todas, percebida claramente tanto nos programas de Prestação de Serviços a Comunidade e de Liberdade Assistida, quanto no Projeto. A socialização está presente também, seja nas atividades esportivas, seja nas oficinas oferecidas. O caráter voluntário

também se faz presente, tanto nos profissionais que atuam no Projeto, quanto nas empresas que participam ativamente para a manutenção e crescimento do Projeto, com doações dos mais diversos tipos e repasses de verbas através do CMDCA.

Há no Projeto, um caráter “preventivo”, como TRILLA (2003) classifica a educação destinada a jovens que estão situação de risco. Não podemos deixar de observar que a maioria das crianças e jovens frequentadores do Projeto fazem parte desse grupo chamado “em situação de risco”, e através das atividades propostas, pretende-se manter esses jovens em situação de risco pessoal, social e educacional longe das drogas, da violência e da marginalidade.

Embora conte com a maioria das características acima citadas que compõem a educação não-formal, não posso deixar de observar que há um caráter “reformador”, ou “corredor” nos programas de PSC e LA, já que esses jovens estão cumprindo “penas” por terem cometido alguma infração. Contudo, é preciso também levar em conta que esses programas também possuem um caráter transformador da realidade destes jovens, levando-os a construir novas possibilidades de significação de sua realidade, através da educação. Poderia-se simplesmente isolar estes jovens que cometem atos ilegais, mas o Projeto propicia uma nova possibilidade de vida para eles. Portanto, mesmo contando com esse caráter “reformador”, os programas propõem uma mudança da realidade social dos jovens atendidos por ele, através de ações educativas transformadoras.

Então, de um modo geral, talvez seja mais correto classificar a instituição como sendo “mista”, mas apenas por essa última característica, o caráter reformador dos programas de LA e PSC, mas reiterando que, acima de tudo, prevalecem os aspectos positivos da educação não-formal, principalmente se nos basearmos na principal característica deste tipo de educação, que é a transformação social do indivíduo, e é a

isso que tanto a ASA quanto o Projeto “Um Novo Tempo” se propõem, à transformação e a melhoria de vida dos jovens atendidos por ele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Almerindo Janela. Sociologia da educação não-escolar: reactualizar um objecto ou construir uma nova problemática?, In ESTEVES, António J. e STOER, Stephen (orgs), *A sociologia na escola: professores, educação e desenvolvimento..* Porto: Afrontamento, 1992. Biblioteca das Ciências do Homem

AFONSO, Almerindo Janela. Os lugares da educação. In VON SIMSON, Olga; PARK, Margareth; FERNANDES, Renata S. (orgs). *Educação não-formal: cenários de criação*. Campinas, Editora da Unicamp, 2001.

BRASIL, Ministério do Bem Estar Social. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília, DF, 1990.

FERNANDES, Renata Sieiro. Em cena o Sol: Pesquisando o Projeto Sol – Paulínia (SP). In VON SIMSON, Olga; PARK, Margareth; FERNANDES, Renata S. (orgs). *Educação não-formal: cenários de criação*. Campinas, Editora da Unicamp, 2001.

FERNANDES, Renata Sieiro. *Entre nós, o sol – Relações entre infância, cultura, imaginário e lúdico na educação não-formal*. Campinas, Mercado das Letras, 2001.

GARCIA, Valéria Aroeira. Um sobrevôo: o conceito de educação não-formal. In PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro (orgs). *Educação não-formal – Contextos, percursos e sujeitos*. Campinas, Editora Setembro, 2005.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. São Paulo, Cortez, 2005.

MACHADO, Maria Elisa Nehrebecki. *O núcleo educacional “Gentil Pessoa de Mesquita” nos âmbitos da educação não-formal*. Campinas, Faculdade de Educação. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

PETRUS, Antoni. O esporte como fator de socialização. In ROMANS, Mercê; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. *Profissão: educador social*. Porto Alegre, Artmed, 2003.

PETRUS, Antoni. Novos âmbitos em educação social. In ROMANS, Mercê; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. *Profissão: educador social*. Porto Alegre, Artmed, 2003.

TRILLA, Jaume. O “ar de família” da pedagogia social. In ROMANS, Mercê; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. *Profissão: educador social*. Porto Alegre, Artmed, 2003

TRILLA, Jaume. Os âmbitos da educação social. In ROMANS, Mercê; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. *Profissão: educador social*. Porto Alegre, Artmed, 2003

TRILLA, Jaume. Uma pequena saga da família da educação social. In ROMANS, Mercê; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. *Profissão: educador social*. Porto Alegre, Artmed, 2003

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; TEIXEIRA, Carmen de Miranda Yeks; CHISTE, Lissandra Silva; GONÇALVES, Renata Mateus. A valorização da diferenciação sociocultural como fator de integração de estudantes em situação de risco: Discussão de uma experiência concreta – O Projeto Sol de Paulínia – SP. In VON SIMSON, Olga; PARK, Margareth; FERNANDES, Renata S. (orgs). *Educação não-formal: cenários de criação*. Campinas, Editora da Unicamp, 2001

WELLER, Mirja Jaksch. Esporte e educação não-formal: as atividades esportivas como fator de inclusão social para jovens em situação de risco. In PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro (orgs). *Educação não-formal – Contextos, percursos e sujeitos*. Campinas, Editora Setembro, 2005.

www.nev.incubadora.fapesp.br

www.unicef.org/brazil

